

## Índice

### Primeira Parte

Istambul	13
Ancara	19
Cavalgada ao Hussein Ghazi	29
Kayseri	33
Konya	41

### Segunda Parte

Síria	53
Bagras	65
Beirute	71
Descoberta da Palestina	83

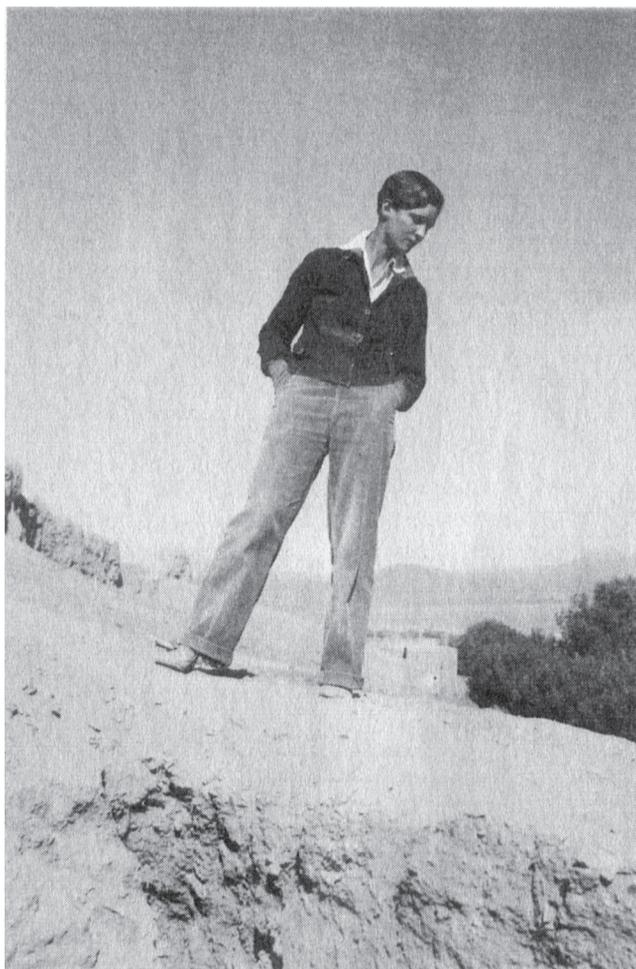
### Terceira Parte

Iraque	91
Ur, Uruk e Babilónia	95
Al-Hillah, Birs Nimrud, Kerbela, Ukhaidir, Najaf, Kufa, Babilónia	113
Caçadas ao chacal	131

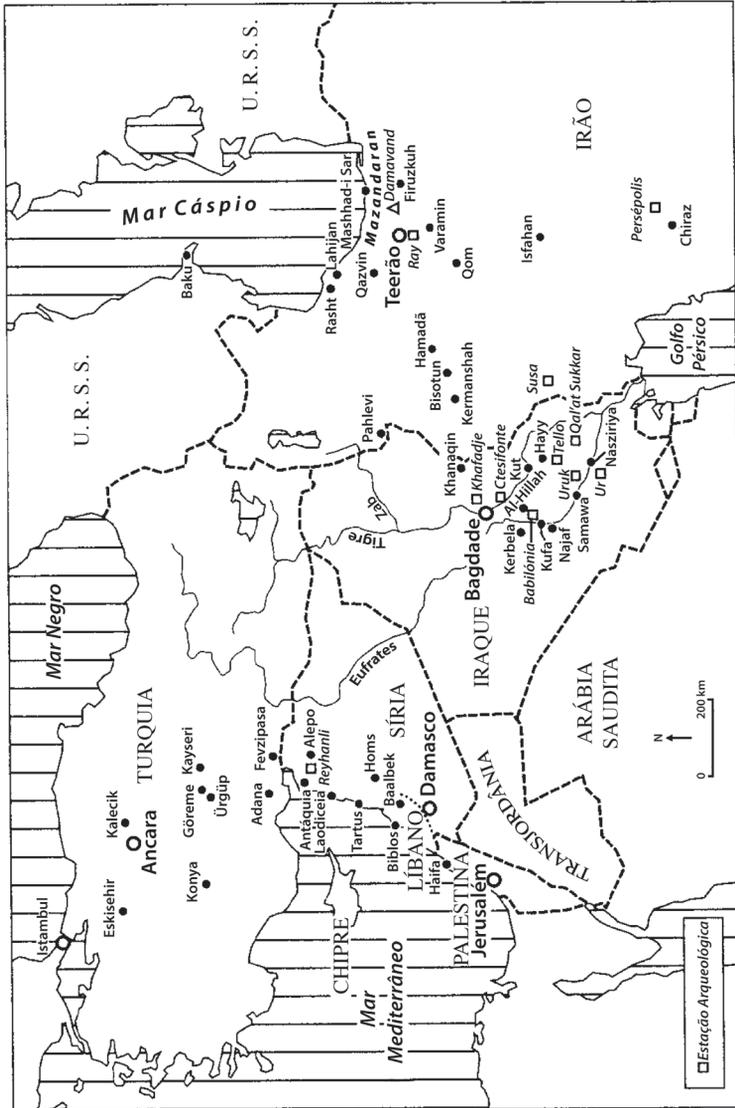
### Quarta Parte

A estrada de Teerão	139
Teerão	147

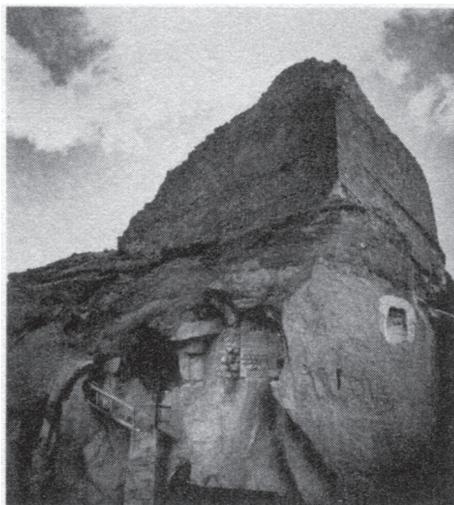
As Portas Cáspias	151
Mazandaran	155
Ab-i Garm	161
Persépolis	167
Notas	179



Annemarie Schwarzenbach em Persépolis



# Primeira Parte



Uma casa troglodítica em Ürgüp



O vale de Göreme

## Istambul

*15 de outubro de 1933*

Melancolia: foram os gregos que inventaram esta palavra rica e poderosa como um crepúsculo cujas cores irão extinguir-se em breve. Os Balcãs estavam impregnados de melancolia — a nossa travessia rápida de países, de fronteiras, de montanhas e de capitais deixara-nos somente uma vaga intuição —, mas que sucessão inexorável a das horas, que lentidão a do fim do dia, que mergulho no sono sob o peso destas montanhas cinzentas e destas planícies acastanhadas! Por toda a parte, rebanhos de ovelhas que pastam, campos de milho na sua secura de outono. Os camponeses seguiam com um olhar taciturno e incrédulo o cortejo dos nossos vagões fechados, as mulheres dissimulavam os seus ventres proeminentes sob a roupa acolchoada e os seus rostos dolorosos e sulcados de rugas sob os seus lenços escuros.

Eu tentava lembrar-me dos nomes dos grandes czares búlgaros, dos combates sangrentos com os bizantinos, dos conquistadores turcos.

Foi então que, numa gare miserável, começou a tocar uma fanfarra. Era já noite, os músicos estavam de pé ao vento, enquanto o comboio oscilava ao arrancar. Uma ária popular, talvez... As

notas continuaram por algum tempo ainda a alcançar-nos, pairando no ar, triste e desesperadamente, atrás de nós.

Esta manhã despertámos no meio de uma paisagem nova, perfeitamente insólita. Estas fileiras de colinas despidas, esta vegetação de estepe, estas nuvens demasiado brancas varridas por borrascas de vento eram já a Ásia — era já como se nos acolhesse o grito rouco dos nómadas. Pastores com as suas peliças, a sua comprida espingarda ao ombro, galopavam como loucos nos seus pequenos cavalos ao longo do caminho de ferro, enquanto os bois de pelagem clara e grandes cornos continuavam preguiçosamente deitados ao sol da manhã. Em breve, apareceu o mar — uma baía de um azul profundo tão cintilante como a sua prima francesa, a Côte d'Azur; enquanto olhávamos o horizonte, sabíamos-nos infinitamente longe dessa Europa tão amada e sentíamos a melancolia invadir-nos.

Surgiam muralhas, vestígios bizantinos, voltadas para o mar e para a terra. Nas suas brechas e nas suas cavidades, viam-se os panos estendidos de tendas de pastores, delgadas colunas de fumo que subiam, vacilantes, no céu agitado. Depois, eis, de súbito Istambul — a cúpula de Santa Sofia (um sonho de infância), as margens cintilantes, os barcos, as velas, o oceano das casas brancas: Istambul nimbada de azul-pálido pela bruma e surgida das águas rutilantes.

Nas ruas da cidade, assalta-nos uma impressão de intemporalidade, de incerteza e de impotência que tem o sabor de uma tentação. Quantas vezes não brincamos com a ideia de romper num momento arbitrário com os nossos hábitos de vida, de abandonar os lugares, os amigos e os trabalhos familiares, de mergulhar no anonimato... Mas acabamos sempre por nos sentir muito longe dessa tentação do destino!

Eis a cidade na fronteira da Ásia, a porta marítima, a espada cintilante entre o Leste e o Oeste: é como que a ameaça de pro-

cessos intemporais que ultrapassam o indivíduo, até mesmo a humanidade.

É aqui que se reúnem povos vindos das planícies do Oriente para serem lançados ao assalto da Europa; nascem religiões que se cindem e se inteiriçam em idolatria dourada. Aqui acostam frotas, humildes cruzados transformam-se em usurpadores e senhores orientais, sucedem-se helenos e bárbaros, e o indivíduo, ainda que porfirógeno<sup>1</sup>, nada é.

Visitámos as mesquitas, os bazares e os bairros dos artesãos. Vimos mendigos, rapariguinhas, aguadeiros, cegos e fiéis em oração, popes, corretores, vendedores de peixe, guardadores de rebanhos de perus; vimos tudo o que é há muito conhecido: o Oriente de mil cores, esse mundo que continua a conservar a sua parte de estranheza. É possível que tenhamos conseguido fazer uma bela fotografia do velho sentado no pátio da Mesquita de Bayazid: envergando uma capa coçada de seda de um vermelho-pálido, com a mão estendida para negociar e receber dinheiro, com toda a dignidade de uma alta função, endereçando-nos um olhar cheio de sabedoria e dessa resignação que ensina o sofrimento e completamente desprovido de desprezo.

As velhas, muitas vezes, têm também esse olhar; lembramo-nos, então, que os turcos eram um povo de senhores que faziam entregar por sua conta ao comércio levantinos, gregos e até mesmo egípcios.

O grande bazar estava muito calmo. Os vendedores não insistiram em vender-nos as suas mercadorias, deixaram-nos seguir o nosso caminho até às passagens abobadadas mais profundas e mais sombrias, onde os recipientes de latão, as lâmpadas e as lâminas das espadas brilhavam na penumbra das oficinas.

No seu interior, havia velhos sentados ao lado de rapazes novos esfarrapados cujos olhos luziam como os dos animais. Deixavam-se ficar calados ou balouçavam levemente o corpo enquanto cantavam. Tinham uma quantidade enorme de artigos